CONFIRA em *Religião* a história curiosa de católicos como irmã Alzira, transformada em santa pela fé dos parentes que pedem milagres em orações.
Páginas 7 e 8

CORREIO domingo repórter

Correio On-line www.correiodabahia.com.br
e-mail: reporter.redacao@correiodabahia.com.br

VEJA em *Perfil* como o compositor Armando Sá inventou *Colombina*, sucesso de novos e antigos carnavais.
Página 11

Salvador, 25 de fevereiro de 2001

Reprodução/Livro 'Caymmi som imagem magia'

Orfeu da MPB

Elieser César

A Bahia não esquece o seu trovador. Depois de virar nome de rua e ganhar estátua em Salvador, o baiano Dorival Caymmi está sendo homenageado neste Carnaval da Paz. Hoje, os Doces Bárbaros, Maria Bethânia, Gal Costa, Caetano Veloso e Gilberto Gil, sobem num trio para reverenciar o Orfeu da MPB. Aos 87 anos, a serem completados no dia 30 de abril, este barítono grave, que terá sua vida retratada em livro, conta agora, nesta edição especial, por que na música e na pintura sempre faz referência à Bahia do amigo Jorge Amado e de tantos ancestrais.

Páginas 3, 4, 5 e 6

Reprodução/Livro 'Caymmi som Imagem magia'

Na década de 30, Dorival Caymmi foi tentar a sorte grande no Rio de Janeiro, onde iniciou sua promissora carreira no rádio

Menestrel da Bahia

Caymmi é reverenciado nas ruas hoje por Bethânia, Gal Costa, Caetano e Gilberto Gil

A voz está um pouco enfraquecida, devido aos 87 anos - a serem completados em 30 de abril próximo - mas denota o timbre firme de um barítono grave e mais ainda uma eterna saudade da Bahia. Saudade que não deixa dúvida do amor pela chamada boa terra, pelo mar, os pescadores e as mulatas esguias. "Olhe meu filho", diz, pelo telefone, a voz do cancioneiro do Brasil, "aí onde você está pisando é o meu solo sagrado", solfeja Dorival Caymmi.

Neste domingo de Carnaval, a Bahia vai demonstrar que tem saudade de Caymmi. Ele será o grande homenageado da primeira folia baiana do século XXI, o intitulado Carnaval da Paz. Para reverenciar Caymmi sobem hoje no trio elétrico da cantora Margareth Menezes, numa reedição do histórico encontro do Carnaval Tropicália (1994), os Doces Bárbaros, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Maria Bethânia e Gal Costa. Gil que recebeu, em influência musical, régua de Dorival (seu ex-sogro) e compasso de Luiz Gonzaga. Não é primeira homenagem carnavalesca ao artista que ganhou o seu primeiro prêmio com uma música de Carnaval, *A Bahia também dá*. O troféu foi um inusitado abajur cetim, lilás, que até hoje faz Caymmi soltar a sonora gargalhada de quem, apesar da idade e dos males do tempo, continua de bem com a vida. Nome de avenida no bairro de Itapuã, estátua em Salvador, Caymmi ganha ainda este ano uma biografia autorizada, escrita pela neta e jornalista Stella Tereza, filha de Nana, uma menina que nasceu em Caracas e foi embalada pelo avô com o epíteto "minha estrangeirinha". Com o título (provisório) *O mar e o tempo* - mar esverdeado ainda mais nas canções de Caymmi; tempo registrado na memória do cancioneiro da Bahia - o livro deve sair no próximo semestre pela Editora 34.

Dorival Caymmi é uma entidade baiana, orixá e sombra dos coqueirais. Preguiçoso? Sim, com o direito à boa preguiça de quem sabe que a bela letra de uma música não sai rápida, como um pão (apressado) do forno. Dorival sabe ainda mais: retirar da matéria informe das palavras uma canção inesquecível, como *Marina* (aquela que já é bonita com o que Deus lhe deu); reconhecer que do lodo viscoso dos vocábulos pode sair um acalanto, ou uma jangada em direção mar, um trem que parte do norte, um amigo que canta melhor flor e mulher, uma moreninha da sandália do pompom grená, que ainda hoje comove a bailarina Lucinha Mascarenhas.

Caymmi é um *voyeur* da arte. Observou muito e reproduziu seu olhar, em canções praieiras, sambas-de-roda e no romantismo urbano de outras canções ("Eu vim à cidade pra ver meu bem passar"). Dorival Caymmi é unanimidade, entre críticos, como Tárik de Souza, para quem o autor de *Maracangalha* "é o cirandeiro do requinte", companheiros de canto e harmonia, a exemplo de Tom Jobim, que revestiu Caymmi com as asas inefáveis de um demiurgo (criatura intermediária entre deus e homem), ao dizer que Dorival "pegou o violão e orquestrou o mundo" e artistas, como Jorge Amado, companheiro de mais de seis décadas, que define o compadre e amigo, como "o cantor das graças da Bahia".

Há ainda uma faceta desconhecida por muita gente do multifacetado Dorival Caymmi: o pintor inspirado. Caymmi é um bom retratista, admirado por Hector Bernabó, o Carybé, falecido em 1997, e Cícero Dias. Desfrutou ainda a amizade de dois grandes pintores brasileiros: Portinari e Pancetti. Pintou retratos inacabados de Carybé e do compositor Almirante, retratou o cronista Rubem Braga. A pintura veio mansa e insidiosa, como um *hobby*. "Eu não pintei com intenção de nada. Nem de expor, quanto mais vender. Não tenho preferência na pintura. Minha tendência é fazer retratos. Primeiro me retratei. Depois retratei amigos. Fazia a lápis. Depois experimentei as cores, mas isso só de brincadeira", recorda Caymmi. A mulher dele, Stella, e o amigo Jorge Amado chegaram a temer que Caymmi trocasse a música pela pintura. Temiam que uma carreira musical gloriosa fosse substituída pelas pinceladas de um pintor medíocre. Não foi o que ocorreu. Caymmi jamais largou a música como também não se tornou um pintor medíocre. Ao recordar as saudades da Bahia, o velho menestrel poderia muito bem entoar: "Se eu escutasse o que mamãe dizia...".

Cancioneiro do Brasil

Caymmi substitui Ary Barroso e faz sucesso no Rio, ao lado de Carmen Miranda, no filme 'Banana da terra'

Reprodução/Livro 'Caymmi som imagem magia'

Ao chegar ao Rio, em fins dos anos 30, Caymmi caiu nas graças de Carmen Miranda, que fez sucesso com 'O que é que a baiana tem'

No dia da mentira, em 1º de abril de 1938, Dorival Caymmi, então com 24 anos de idade, pega um ita, termo designativo de navio - "pra vir pro Rio morar". Dá adeus ao pai e à mãe e (rima providencial) não se esquece de Belém do Pará. Suspira: ai, ai, ai, ai. E prossegue a viagem que o levará à fama no panorama da música brasileira. O Orfeu negro da MPB não esqueceu o conselho da mãe dedicada: "Meu filho, ande direito/ que é pra Deus lhe ajudar". Andou direito e Deus o ajudou logo de início. Claro, com um pouco da sorte do imponderável destino. Caymmi chega ao Rio de Janeiro na época em que Carmen Miranda se preparava para filmar *Banana da terra*.

Antes trabalhara no arquivo do jornal *O Imparcial*, de Salvador. Com 13 anos de idade, interrompeu os estudos, no 1º ano ginasial, para trabalhar. Trabalhou como auxiliar de escritório, vendedor de bebida e barbante, ilustrador e repórter. Aos 20 anos já cantava na Rádio Clube da Bahia. Aos 22, ganha um concurso de música carnavalesca com *A Bahia também dá*. Já no Rio de Janeiro, se apresenta na Rádio Tupi, em troca de um cachê de 30 mil réis por mês. No Rio, Caymmi costumava freqüentar o Café Nice para ver os atores famosos. Foi a sorte dele. Numa dessas ocasiões, alguém perguntou ao jovem baiano: "Você é artista também?". Caymmi, então respondeu: "Não. Eu canto assim, eu toco violão em casa, brincando, não sou profissional, não tenho pretensões; é para mim mesmo". Foi o bastante para o talento ser reconhecido.

Nesta época, a trilha sonora do filme de Carmen Miranda deveria ser composta por outro ícone da MPB, Ary Barroso. O autor de *Aquarela do Brasil* foi ganancioso e resolveu pedir o dobro do cachê acertado com a produção. "Ele deveria cantar *Baixa dos Sapateiros* e *Boneca de Piche*. Mas como o cenário já estava montado, Ary pediu mais dinheiro, achando que a produção toparia. O impasse foi resolvido por Alberto Ribeiro, que lembrou de um baiano que cantava muito bem: Dorival Caymmi", informa o historiador cearense (radicado no Rio de Janeiro) Jairo Severiano.

Resultado: Caymmi foi levado por Almirante e pelo cunhado desse, Braguinha, à casa de Carmen Miranda, na Urca. Carmen procurava uma substituta para a música de seu filme. A vedete gostou da canção e Dorival Caymmi não só gravou, para o filme, a música *O que é que a baiana tem?* como também ensinou Carmen Miranda a fazer aqueles trejeitos com as mãos evoluindo por cima da cabeça coberta com uma cesta de frutas tropiciais. Entusiasmado com a performance de Carmen Miranda, Caymmi ficou na porta dos cinemas que exibiam o filme, à espreita dos espectadores. Só deixou o cerco depois de ouvir o glorioso elogio de um cinéfilo: "O filme é uma merda, mas a música daquele baiano é muito boa", revela Jairo Severiano, autor, em parceria com Zuza Homem de Melo, do livro *A Canção do tempo*, um rastreamenrto dos sucessos musiciais da MPB, de 1901 a 1985, publicado em dois volumes pela Editora 34.

Timbre singular

"Caymmi é um caboclo baiano autêntico. Sua voz é original. Seu timbre, singular. Também é um grande intérprete, já que o cantor não deixa nada a dever ao compositor", define Severiano. "Dorival Caymmi é o deus da canção", reforça Almir Chediak, autor de 14 *songbooks*, dois dos quais dedicados ao cantor que inventou o seu condado mágico: *Maracangalha*, para onde se deve ir, mesmo em imaginação, com "liforme branco", chapéu de palha, depois de convidar Anália e viajar só, caso a musa não queira atender ao chamado da canção.

A voz do menestrel baiano parece lamentar a ausência no Carnaval baiano. "Não vou e as razões já expliquei. Estou sob controle dos médicos. Já não posso ter as mesmas emoções de outrora", confidencia esse homem, nascido na Rua do Bângala, em Salvador, a 30 de abril de 1914. "Os prefeitos de minha querida São Salvador da Bahia gostam de mim. Antonio Imbassahy me ligou falando da homenagem. Eu disse que não posso ir, mas que estava muito comovido com a atenção. De certa forma, estarei em Salvador, com meus filhos, meus amigos e a minha música", observou Caymmi, que há dois anos teve que extrair um rim e convive com a saúde frágil da mulher, Stella Maris.

Jeito dengoso

Filho do músico amador e funcionário público Durval Henrique Caymmi e da dona de casa Aurelina Soares Caymmi, que cantava dentro de casa, o menino Caymmi herdou o gosto pela música e fez história no panteão da MPB. As inspirações iniciais talvez tenham brotado daquele jeito dengoso de as meninas baianas subirem as ladeiras. Também das rodas de samba, dos pescadores e de um jeito que só uma Bahia imersa nas brumas do tempo carregava. "Conheci uma Bahia natural, o samba-de-roda, as mãos na cadeira. A gente cantava e dançava sem cobrar nada, nem pedir nada a ninguém. Era puro prazer. Era só alegria. E a minha terra com a sua própria voz. Lá, atualmente, se faz música com algo do Caribe e dos Estados Unidos. Aquela Bahia que eu conheci não tem nada a ver com essa", recorda Caymmi.

Depois, com uma declaração de carinho, derruba o mito de que prefere o Rio de Janeiro à Bahia. "Continuo apaixonado pelo povo de minha terra e guardando aquelas lembranças. Mas não posso esquecer que minha prole nasceu e se criou no Rio de Janeiro, e das amizades que fiz por aqui. Neste aspecto, sou bígamo, porque adoro a Bahia e amo o Rio", divide-se o cantor, cujo sobrenome pode estar ligado ao Haím dos árabes da Península Ibérica. A bigamia parece estender-se à vida do sátiro Caymmi. Há quem lhe atribua um colar de namoradas, inclusive Carmen Miranda. Como um bom malandro compulsoriamente aposentado, Dorival Caymmi não confirma nem desmente os boatos. "Ocorre que eu sou muito educado, muito maneiroso e, por isso, as pessoas atribuíram conquistas que eu não obtive", tergiversa o cancioneiro.

De seu estúdio no Condomínio Parque Lucaia, em Salvador, o produtor musical Roberto Santana aponta para o traço de boêmia sensual do cantor. "Caymmi completava uma semana de casado, quando chegaram em sua casa Rubem Braga e Fernando Lobo. Era uma sexta-feira. Dorival estava de bermuda e chinelo. Olhou para a mulher, Stella Maris Tostes (cantora de blues), e pediu licença para tomar uma cerveja com os camaradas. Só retornou na segunda-feira, com um terno jaquetá de linho pérola, chapéu panamá e sapatos de duas caras. Stella disse que tolerava que ele saísse de bermuda e voltasse, dois dias depois, engalanado. Só não suportava a marca de batom. Então Caymmi, sem perder a bossa, afirmou: "Eu já disse a Fernando Lobo para não me beijar", conta Santana.

Lábia de conquistador

Habilidade do velho Caymmi com as palavras serve de cupido para o casal Jorge Amado e Zélia Gattai

Zélia Gattai

A semelhança física e a afetividade muitas vezes transformaram o amigo Jorge em irmão

O Caymmi do folclore, a escritora Zélia Gattai não esquece. O mesmo Dorival que serviu de cupido para Jorge Amado. Quem conta, desta vez, é a própria escritora e mulher de Jorge, Zélia, em sua famosa casa do Rio Vermelho, em Salvador. Jorge Amado, que pôs muita lábia em seus personagens conquistadores, não teve palavras para cantar a apaixonada Zélia. "Jorge me levou a um show de Caymmi e disse que não sabia cantar. Depois, me pediu para escutar Dorival Caymmi e tomar como sua a letra da canção que dizia: "Acontece que eu sou baiano". Eu respondi: Acontece que eu sou paulista. Eu já estava fisgada", rememora Zélia.

Foi o começo de uma amizade que já dura mais de 60 anos. Jorge foi padrinho de casamento de Caymmi e Stella. Os dois assinaram composições como *É doce morrer no mar*, inspirada em *Mar morto*, o idílio marítimo e romanesco de Jorge Amado. Além das afinidades efetivas, Caymmi e Jorge guardam semelhanças físicas. A ponto de um leitor de *Jubiabá* dirigir-se, no Rio de Janeiro, ao autor de *Dora* e perguntar: "Então, seu Jorge, como vai o trabalho do novo livro?" Subitamente "amadizado", Dorival não perdeu a pose e respondeu: "Vai indo, vai indo". O registro está no livro *Reportagem incompleta*, uma iconografia comentada de Zélia sobre Jorge.

Certa vez, no Terreiro do Gantois, foi a vez de Jorge Amado ser confundido com Dorival Caymmi. Tiete desinformada, uma turista interrogou: "O senhor é Dorival Caymmi?". Jorge, rapidamente "caymmizado", respondeu: "Não, minha senhora. Não sou Dorival Caymmi, mas o irmão dele". A turista saltitou, satisfeita, e, como uma criança que descobre um presente escondido, comentou para os acompanhantes: "Não disse? Não é ele, mas é o irmão". "Realmente são irmãos", admite Zélia, "pois a família Caymmi é nossa família, já que Dori, Nana e Danilo são nossos sobrinhos queridos".

Também Vinícius de Moraes, nada parecido com Caymmi, foi confundido pelo autor de *Ita do norte*, coincidentemente na casa de Jorge e Zélia, em Salvador. "Um grupo de estudantes viu Vinícius e pediu-lhe um autógrafo como se fosse Caymmi. Vinícius pegou a caneta e foi sapecando assinatura para todo lado", recorda, rindo, Zélia Gattai.

É também dela um comentário sobre a proverbial preguiça de Caymmi, um compositor que demorou sete anos para terminar a canção *Das rosas*, dez anos escondendo *Saudades da Bahia*, e outros 50 para concluir uma canção, conforme Almir Chediak. "Uma vez, Carybé (falecido em 1997) visitou Rubem Braga e o encontrou deitado numa rede, espreguiçando-se. Daí, Carybé disse que perto de Rubem, Caymmi era um operário padrão", relata Zélia, sem conter o riso.

Mito da preguiça

Mas a preguiça é também um assunto do compositor de *João Valentão*. "Se é noite de lua/A vontade é contar mentira/ É espreguiçar...", fala Caymmi na música homônima. Porém, o próprio Caymmi se encarrega de desfazer o mito da preguiça. "Não sou de quantidade. Sou contemplativo. Quando estou quieto, encostado, ou de pé, olhando, algo está acontecendo", indica. É verdade. Os olhos do artista enxergam belezas recônditas, maravilhas escondidas nas nuvens da criação. Desta contemplação neoplatônica brotaram as canções que retratam a Bahia, seus costumes, traços e cores que parecem surgir do pincel de um pintor expressionista. Parafraseando uma canção dele mesmo, Dorival Caymmi declarou, uma vez, referindo-se ao ato de criação: "A gente faz o que o coração dita". Depois emendou: "Não componho mais com aquela freqüência. Tudo acontece quando aparece uma cena poética na cabeça. Sou pura espontaneidade". Ao falar de sua fonte de inspiração, Caymmi esgrima um argumento cósmico: "A grandeza do universo sempre me fascinou".

Sua música pode ser caracterizada por três fases. As canções praieiras que o notabilizaram, como *O mar*; o romantismo urbano, que o arrebatou no Rio de Janeiro; e a utilização do folclore, contida em *Acalanto* ("Boi da cara preta/Pega essa menina/Que tem medo de careta"). "Caymmi esgotou as canções praieiras, passou para o samba-de-roda da Bahia e depois para o samba-canção do Rio de Janeiro. Em tudo, é muito bom", sintetiza Jairo Severiano, que, em 1985, a convite da Construtora Odebrecht, organizou o álbum *Caymmi inédito*.

Dorival Caymmi não quer ser lembrado apenas como um compositor praieiro. "Estas canções acontecem naturalmente, por causa daquela preguiça gostosa que vem do mar, o horizonte, as águas se encontrando; aquela grandeza romântica, o nascer do sol", diz o Orfeu do dendê, do abará e do vatapá. "Caymmi nunca pertenceu a nenhum movimento artístico. Ultrapassou a todos e a quaisquer modismos. Só quatro compositores brasileiros tiveram essa carreira peculiar: Noel Rosa, Lamartine Babo, Luiz Gonzaga e Dorival Caymmi", elege Roberto Santana. "É o maior compositor brasileiro, vértice para onde convergem todos os outros. Ele fez uma obra regionalista e universal, antecipou a Bossa Nova e uniu, numa música atemporal, tradição e modernidade", delineia Tárik de Souza. "É um dos maiores gênios que passaram na música popular brasileira, em 500 anos de história, reunindo simplicidade e beleza", afirma Almir Chediak.

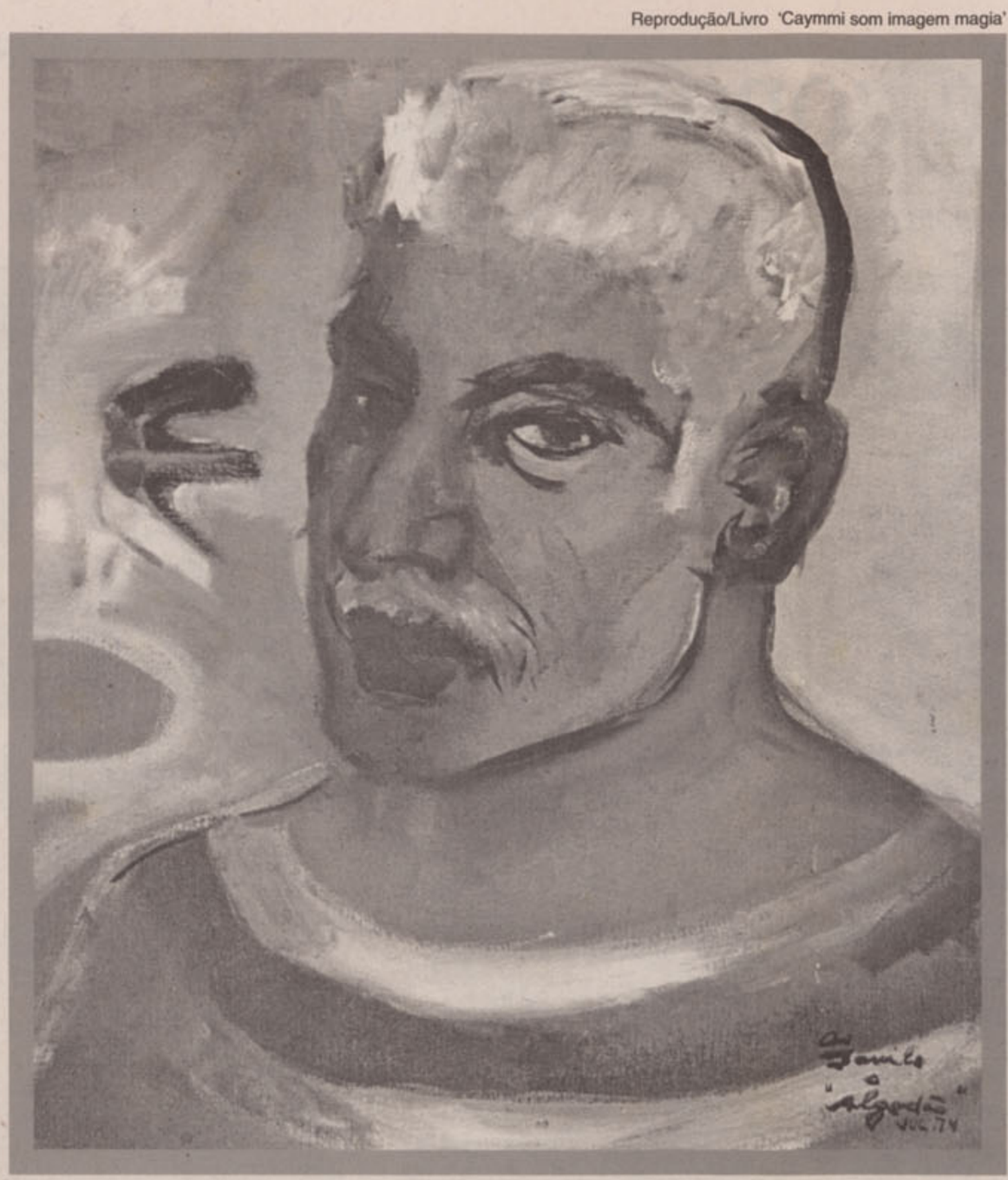
"A MPB tem alguns nomes luminares, como Pixiguinha, Tom Jobim e Dorival Caymmi, este um criador inspirado e um ser humano muito especial", retrata, também do Rio de Janeiro, o jornalista e escritor Sérgio Cabral. "Caymmi é uma das raras criaturas que têm alma poética", observa o crítico carioca, João Máximo. Para ele, o músico baiano será lembrado, "daqui a 200 anos, também pelos sambas-canções que fez no Rio".

Máximo reforça, ainda, a fama de conquistador de Dorival Caymmi. "Ele chegou a ser raptado por uma dama da alta sociedade", revela. João Máximo considera o compositor de *Marina* "inimitável". "Houve um cantor, Osni Silva, que tentou cantar igual a Caymmi, mas foi logo esquecido", informa Máximo.

Arquivo

O gosto pela música herdado do funcionário público Durval fez, na voz da família Caymmi, uma nova história da MPB

Reprodução/Livro 'Caymmi som imagem magia'



Em óleos obre tela, o pintor Dorival Caymmi fez este auto-retrato em 1974

Aclamação pública

Fãs gaúchos entoam 'Canção da partida' em pleno restaurante ao notarem a presença do compositor

O produtor musical Roberto Santana não contém a emoção, ao recordar aquela que considera a maior homenagem prestada a um artista. "Até hoje me arrepio, ao falar no assunto", diz com os olhos marejados. Roberto levou Caymmi ao Restaurante Barranco, em Porto Alegre, para comer uma salada. Nem bem os dois subiram os degraus do restaurante, uma senhora reconheceu o cancioneiro baiano e entoou "minha jangada vai sair pro mar" (*Canção da partida*). Foi o bastante para todas as pessoas se levantarem num só coro. "Jamais vou esquecer essa homenagem espontânea, ocorrida em 1975", assegura o produtor musical.

Outra homenagem foi patrocinada, em 1984, por Newton Rique, falecido empresário baiano. Construtor do Shopping Iguatemi, Rique fez uma festa para celebrar os 80 anos de Caymmi. "Dorival disse que só aceitaria a homenagem se os amigos estivessem presentes. Rique me pediu a lista e pagou passagem e hospedagem para 30 pessoas", conta Roberto Santana.

A amizade com Roberto Santana aponta outra faceta de Caymmi: o sujeito bonachão, boa-praça, amoroso. Lucinha Mascarenhas, mulher de Roberto à época, estava grávida de Gilberto, hoje com 32 anos de idade. "Caymmi colocou a mão na barriga de Lucinha e disse que o menino ia ser afilhado dele. Não deu outra, Caymmi é nosso compadre", emociona-se Roberto, mais de três décadas depois.

"Botei meu filho para dormir com as canções de Caymmi. Meu pai fazia o mesmo comigo. Dorival Caymmi é uma pessoa muito importante na minha vida, desde o dia em que me perguntou se eu deixava ele batizar meu filho", confessa Lucinha, que se considera o quarto filho do cancioneiro. "Uma vez, Caymmi me disse que toda casa deve ter uma cadeira de balanço. Depois, falou que me daria uma cadeira de balanço. Isto tem uma simbologia muito grande, a do acalanto", metaforiza Lucinha. Ao lado de Jorge Amado e Carybé, Dorival Caymmi é, no candomblé da Bahia, obá de Xangô, ministro protetor na cultura ioruba. "Engraçado! Caymmi é de Xangô, mas o elemento água é muito visceral na vida dele. Parece ser de Iemanjá", desconfia Roberto Santana.

Dorival, Stella Maris, Dori, Danilo e Nana formam o mais importante clã musical da MPB. Porém, segundo Nana, a presença do patriarca não foi decisiva na carreira musical da família. "A música foi uma alternativa de ganhar a vida, quando vimos que um diploma não bastava", admite Nana. Ela não vem para a homenagem, mas confirma a presença de Danilo e Dori. A presidente da Empresa Municipal de Turismo de Salvador (Emtursa), Eliana Dumet, justifica a homenagem a Dorival Caymmi como "o reconhecimento ao primeiro grande divulgador da música da Bahia". "Vamos reunir os Doces Bárbaros. Caetano, Gil, Gal e Bethânia não cobraram cachê para homenagear Dorival Caymmi, neste domingo de Carnaval", ressalta Eliana.

Álbum de pintor

A viúva de Carybé, Nancy, pincela a qualidade da pintura de Caymmi. "Eu gosto muito. É uma pintura simples, mas de quem tem o dom de pintar. Temos até um álbum com as gravuras de Caymmi. Ele fez uma canção para minha neta Juliana", revela Nancy, proprietária de uma galeria de arte em Salvador. Ela conta que Caymmi demorou tanto tempo para acabar um retrato de Carybé que o modelo ia envelhecendo e nada da pintura ser concluída. "Parecia até o *Retrato de Dorian Gray*", compara Nancy, referindo-se ao romance do inglês Oscar Wilde, sobre um retrato que vai apresentando os inevitáveis sinais do tempo, enquanto seu modelo permanece jovem.

Caymmi fez algumas parcerias. Uma delas foi *Sábado em Copacabana*, também assinada pelo milionário Carlos Guinle. "O Rubem Braga dizia que Caymmi entrou com a música e a letra e Jorginho com o uísque", debocha Sérgio Cabral. Sérgio conta um episódio que revela o desprendimento do Orfeu baiano. Uma vez, o então todo-poderoso da Rede Globo, Walter Clark, disse para Caymmi passar na emissora para gravar um quadro musical. Caymmi disse que só iria se Cícero de Carvalho, um funcionário simples do estúdio, o convidasse. Clark perguntou se Carvalho tinha mais prestígio do que ele. "Tem", respondeu Caymmi. Cícero de Carvalho chamou e Dorival Caymmi gravou o programa.

Preguiça em Caymmi? Para Sérgio Cabral, essa fama não passa de uma estratégia do cantor para se livrar dos convites chatos. "Um homem que fez mais de cem músicas, quase todas antológicas, educou filhos e pinta muito bem não é lá um preguiçoso", defende Cabral. "Preguiçoso coisa nenhuma! É que meu compadre só gosta de fazer as coisas na maciota", rechaça Zélia Gattai.

Sinfonia plangente

Apreciador de música clássica, principalmente dos "três bês" (Bach, Brahms e Beethoven), Dorival Caymmi compõe no diapasão de uma sinfonia plangente. "Eu só faço o que me ocorre. Se minha quantidade de canções é pequena, acho natural. Eu não tenho esse impulso de fazer tantas músicas. Tanto que a maioria das minhas canções ficou na lembrança das gerações porque saíram naturais e conseguiram impacto ao se encontrar com a vontade e o gosto do povo", disse Caymmi, em depoimento à neta Stella Tereza.

Arrojado, Caymmi foi o primeiro cantor brasileiro a gravar um disco de voz e violão, nos anos 40. Também permitiu, pela primeira vez na história da MPB, que mais de um intérprete gravasse suas canções. No Rio de Janeiro, se apresentou no programa Clube dos Fantasmas, assim chamado por começar à meia-noite, sob a direção de Lamartine Babo. Sucessos como *Marina*, *Você já foi à Bahia?*, *Só louco*, *Dora* e outros ajudaram a consolidar a carreira desse baiano que chegou ao Rio de Janeiro com uma mala, um violão e um livro de Stephan Zweig (escritor alemão que se matou no Brasil), depois de tentar a vida como jornalista de *O Imparcial*, jornal de Salvador.

Para chegar ao Rio, Dorival Caymmi vendeu os troços que tinha, o resto deu para guardar. Deixou uma janela aberta ("Talvez eu volte pro ano") e uma porta quase fechada ("Talvez eu fique por lá"). Antes da viagem que mudaria sua vida e o panorama da MPB, Caymmi integrou, na Bahia, o grupo Três e Meio, conjunto dos anos 30, inspirado no carioca Anjos do Inferno e também integrado por Alberto Costa, Zezinho Rodrigues e Adolfo Nascimento, o Dodô. Este último revolucionaria o Carnaval da Bahia, ao criar, ao lado de Osmar, em 1950, o trio elétrico, nascido de uma velha fubica Ford bigode, modelo 1929. Tivesse ficado na Bahia, talvez Dorival Caymmi acabasse dividindo com Dodô e Osmar a invenção do caminhão da alegria.

Assédio dos turistas

Mas o Orfeu das praias e do dengo das mulata embarcou no Ita do Norte para, anos depois, sentir saudades da Bahia, de Dora, a rainha do frevo e do maracatu (jovem passista que conheceu num Carnaval de Recife), da graça natural de Marina e dos coqueiros de Itapuã. A Bahia cedia o seu cancioneiro e o Brasil ganhava um dos mais inspirados compositores de sua vasta e eclética produção musical. "Poeta de cama, mesa e banho", na definição do escritor baiano Antônio Risério, "marco mais importante na música e na poesia da Bahia", conforme o pintor Calazans Neto, Dorival Caymmi retornou a Salvador, em 1968, quando o governo da Bahia o presenteou com uma casa de praia, na Pedra da Sereia. O cantor acabou vendendo o imóvel, alegando que perdera a tranqüilidade, depois que virou objeto diário de assédio dos turistas.

No ano passado, a gravadora EMI lançou uma caixa com sete CDs, em homenagem ao artista baiano. O próprio compositor batizou a coletânea com o nome *Caymmi amor e mar*. São discos com gravações originais e um CD com canções interpretadas por Carmen Miranda, Clara Nunes, Clementina de Jesus, João Donato e Elza Soares, dentre outros. Há pouco tempo, a cantora Rosa Passos gravou um disco com músicas de Caymmi, "o maior patrimônio da MPB". Agora, neste Carnaval, Caymmi recebe as honras da Bahia que ele reinventou com alquimia de cancioneiro requintado. Reverência merecida. Até porque, por aqui, todo mundo é, de certa forma, afilhado de Dorival Caymmi, Orfeu baiano que faz coisa que até Deus duvida, como João Valentão.

ARTIGO

Acontece que eu sou baiano

Stella Caymmi *

"Deixei meu berço por destino incerto; mas a paisagem guardo-a na pupila, guardo-a no coração, donde se estila toda a essência das lágrimas que verto". Estes belos versos de Augusto de Lima, extraídos de *Paisagem nostálgica*, podem nos guiar para o estado de espírito de Dorival Caymmi – então um rapaz de 24 anos incompletos – no momento em que deixou a Bahia por "destino incerto" em terras cariocas, ao embarcar num Ita, em 1º de abril de 1938. Levava consigo seu violão, pouco mais de 400 mil réis e muita saudade.

Bastaria, então, passear pela sua obra para constatar que, além de guardar a paisagem da sua terra na "pupila" e no "coração", o jovem baiano acabou por perpetuá-la na memória da música popular brasileira. E todos nós sabemos o quão poderosa é a música popular no imaginário do povo. E Caymmi fez mais, muito mais. Ele não só não esqueceu a Bahia, como não deixou que ninguém a esquecesse. Seu primeiro sucesso, *O que é que a baiana tem?*, em 1939, na voz de Carmen Miranda, atravessou as fronteiras e ecoou na Broadway e em Hollywood. Aloysio de Oliveira – integrante do Bando da Lua que acompanhava a famosa cantora nos Estados Unidos – contou a Caymmi, na época, que as lojas da Quinta Avenida exibiam todo tipo de adereço do traje da baiana, uma verdadeira febre entre as americanas. A Bahia estava na moda, no Brasil e no mundo. Mas não parou aí. A palavra balangandãs suscitou aqui apaixonadas discussões entre filólogos sobre qual seria seu significado e sua origem. Fez tal sucesso, que naquele mesmo ano a primeira dama, dona Darcy Vargas, deu ao seu importante e badalado espetáculo beneficente, no suntuoso Teatro Municipal, o nome de *Joujoux* e *balangandãs*.

Um único homem fez mais pela Bahia que todas as agências de publicidade poderiam jamais sonhar. E por quê? Por um profundo e verdadeiro amor a sua terra. Se ainda houver quem duvide, eu aconselho a pesquisar seu cancioneiro (ou *songbook*). É pequeno e valioso, como a mais preciosa pérola. São pouco mais de cem músicas, e em mais da metade seu tema é sempre o mesmo: Bahia.

Dois clássicos seus só falam de saudades: *Saudade da Bahia* e *Saudade de Itapuã*. Entre os postais da Bahia, genial denominação que Hermínio Bello de Carvalho deu às canções de Caymmi que descrevem cousas e graças de sua terra, estão *Você já foi a Bahia?* – um verdadeiro samba-convocação! –; *Dois de Fevereiro; Itapuã; São Salvador; Trezentos e sessenta e cinco igrejas; Festa de rua*. A culinária do seu estado natal está presente em *Vatapá; Acaçá* e *A preta do acarajé*. As baianas, ainda que onipresentes em suas canções, são especialmente exaltadas nos sambas *Lá vem a baiana; O dengo que a nega tem* e *Adalgisa*, além do já mencionado *O que é que a baiana tem?*. Em *Adalgisa*, Caymmi proclama em alto e bom som: "A Bahia tá viva ainda lá!".

Encontramos a música da Bahia elogiada em *Afoxé; O samba da minha terra* e *Melodia do meu bairro*. Temos o candomblé homenageado em *Oração de Mãe Menininha, Canto de Nanã, Mãe Stella* (com Danilo Caymmi) e a recente *Caminhos do mar* (com Danilo Caymmi e Dudu Falcão). Se ainda formos acrescentar as parcerias com seu irmão Jorge Amado, a lista cresce ainda mais com *Modinha de Gabriela, Modinha para Teresa Batista, É doce morrer no mar*, entre outras. E olhe, leitor, ainda não mencionei as canções praieiras. *O mar, A jangada voltou só, Rainha do mar, O bem do mar, Noite de temporal*, entre tantas outras, são todas inspiradas nos veraneios na Itapuã da sua adolescência. Em *João Valentão* diz "Porque não há sonho mais lindo do que sua terra, não há!". Mas nada pode ser mais afirmativo do que quando Caymmi pega seu violão, revira os olhinhos, brejeiro, e canta: "Acontece que eu sou baiano". Viva a Bahia! Viva Caymmi!

* Stella Caymmi
jornalista e escritora, autora da biografia
Dorival Caymmi - O mar e o tempo a ser
publicada em 2001
Editora 34/Patrocínio Grupo Pão de Açúcar